

BEM-AVENTURADOS OU FELIZES? A VISÃO ESCATOLÓGICA E PARADOXAL DAS BEM- AVENTURANÇAS E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O HEDONISMO CONTEMPORÂNEO

Blessed or happy? The eschatological and paradoxical vision of the Beatitudes
and their implications for contemporary hedonism

Prof. Ms. Karina Andrea Pereira Garcia Coleta¹
Fundação Dom Cabral

Resumo

A presente comunicação propõe uma leitura do trecho referente às Bem-aventuranças nos evangelhos segundo Mateus, Marcos e Lucas. Destaca-se a questão sinótica envolvida na perícopes; a inversão escatológica presente nas declarações de Jesus sobre os bem-aventurados; e as implicações deste paradoxo bem como da escolha tradutória “felizes” para o termo *hoi makáριοι* tendo em vista o credo contemporâneo da felicidade. Tal leitura sugere que a tensão entre o “já” e o “ainda não” fortalece as esperanças para o futuro, efeito contrário ao produzido pelo anseio moderno de felicidade “aqui e agora”. Além disto, conclui-se que encarar as bem-aventuranças com a visão atual do termo “feliz” e deslocá-las da visão escatológica significa porta aberta para exatamente o oposto. O eudemonismo cristão não é guiado pela disposição interna do indivíduo, mas pelo que Deus declara a seu respeito, não se restringe às pequenas porções de felicidade já experimentadas nesta vida, mas mantém os olhos fitos na plenitude que o aguarda.

Palavras-chave: Bem-aventuranças. Inversão escatológica. Escolha tradutória. Hedonismo contemporâneo.

Abstract

This communication proposes a reading of the passage on the Beatitudes in the Gospels according to Matthew, Mark and Luke. The synoptic issue involved in the pericope is highlighted; the eschatological inversion present in the declarations of Jesus on the blessed; and the implications of this paradox as well as the "happy" translation choice for the term *hoi makarioi* in view of the contemporary creed of happiness. Such a reading suggests that the tension between "already" and "not yet" strengthens hopes for the future, an effect contrary to that produced by the modern yearning for happiness "here and now." In addition, it is concluded that facing the beatitudes with the current view of the term "happy" and moving them from the eschatological view means open door to just the opposite. Christian eudemonism is not guided by the inner disposition of the individual, but by what God declares concerning him, it is not restricted to the small portions of happiness already experienced in this life, but keeps his eyes fixed on the plenitude that awaits him.

Keywords: Beatitudes. Eschatological inversion. Choose translation. Contemporary Hedonism.

¹ Especialista em Estudos da Tradução pela Universidade Gama Filho - UGF, Mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE.

Introdução

As Bem-aventuranças foram registradas por Mateus e Lucas e, com suas semelhanças e diferenças, abrem o discurso do Sermão da Montanha (Mt) ou Sermão da Planície (Lc). As declarações pronunciadas por Jesus representam uma feliz constatação acerca do cidadão do Reino, do caminhante da justiça. No entanto, trazem consigo um paradoxo, uma inversão do que humanamente se considera felicidade, procedem do alto e não da categoria das coisas terrenas, independe do estado emocional ou das circunstâncias favoráveis. Além disto, encerram uma dimensão escatológica, uma tensão entre o que já pode ser desfrutado nesta vida e a plenitude esperada, desafiando a visão atual de felicidade “aqui e agora”.

O caminho percorrido na leitura das Bem-aventuranças proposta no presente trabalho começa com a questão sinótica, destacando as principais explicações acerca das particularidades encontradas nos registros feitos por Mateus e Lucas e sua ausência em Marcos. Em seguida, as duas versões das Bem-aventuranças são analisadas, começando pela matéria comum a ambos os evangelistas, contemplando posteriormente aquilo que é próprio de cada um. A terceira seção encarrega-se de apresentar a origem do termo “bem-aventurança”, suas traduções mais comuns, as características que envolvem seu conceito nos evangelhos, sobretudo no que se refere à sua qualidade paradoxal e escatológica. Finalmente, a penúltima seção trata do hedonismo contemporâneo e o significado do termo “feliz” para o homem e a mulher de hoje. A conclusão une as reflexões feitas anteriormente acerca do conceito de “bem-aventurança” e as possíveis implicações da escolha tradutória “feliz” sobre a perspectiva teológica central relacionada às Bem-aventuranças.

As Bem-aventuranças e a questão sinótica

Em sua obra *Synopsis evangeliorum* datada de 1776, o pesquisador alemão J. J. Griesbach deu aos escritos dos três primeiros evangelhos o nome de sinóticos. Mateus, Marcos e Lucas podem ser visualizados simultaneamente (*syn-opsis*) em três colunas permitindo a verificação de suas semelhanças e diferenças.

A concepção agostiniana que admitia nos evangelhos a ordem encontrada no cânon – considerando Mateus o mais antigo, Marcos uma abreviação de Mateus, e Lucas uma compilação de ambos – encontrou, durante muito tempo, aceitação unânime. Porém, no final do século XVIII começaram a surgir diversos estudos e teorias sobre a ordem e as fontes envolvidas na composição dos sinóticos. Dentre as principais teorias destinadas a solucionar o

problema sinótico, Carson *et al.* destacam quatro: a dependência comum de um evangelho original; a dependência comum de fontes orais; a dependência comum de um número cada vez maior de fragmentos escritos; e a interdependência.² Além destas, há que se considerar a teoria das duas fontes proposta por F. Schleiermacher e que o presente artigo optou por assumir, embora reconheça que sua ampla aceitação não suspenda seu caráter hipotético. A este respeito, Carson *et al.* afirmam:

O processo que deu origem aos evangelhos foi complexo, tão complexo que nenhuma hipótese da crítica das fontes, por mais detalhada que seja tal hipótese, pode almejar fornecer uma explicação cabal da situação. Admitindo essa complexidade, junto com a obstinada persistência de fenômenos que a hipótese das duas fontes é incapaz de explicar satisfatoriamente, devemos tratar essa hipótese mais como uma teoria funcional do que como uma conclusão concreta.³

A teoria das duas fontes admite Marcos como o evangelho mais antigo e do qual dependem Mateus e Lucas. No entanto, em matéria comum aos dois últimos e não encontrada em Marcos, considera-se a procedência da fonte Q (*Quelle* em alemão, que significa “fonte”) usada de maneira independente por Mateus e Lucas. Portanto, as duas fontes literárias usadas tanto por Mateus quanto por Lucas são: o evangelho de Marcos e a *Quelle*. No entanto, Konings destaca que, além das duas fontes, Mateus e Lucas contêm matérias particulares que tanto podem proceder das tradições particulares quanto da própria redação dos evangelistas.⁴

Sobre a fonte Q, Carson *et al.*⁵ explicam que:

A razão para propor a existência de tal coletânea escrita de ensinamentos de Jesus é que existem aproximadamente 250 versículos comuns a Mateus e Lucas e que não se encontram em Marcos. A maior parte desse material (mas não sua totalidade) consiste em ensinamentos de Jesus. Muitos desses versículos manifestam um grau de paralelismo verbal que favorece a existência de uma fonte escrita comum em grego. A explicação mais simples deste fenômeno seria um evangelho depender do outro. Contrariamente a tal explicação está, no entanto, a falta de concordância entre Mateus e Lucas em sua sequência dos acontecimentos e a falta, em geral, de concordâncias verbais entre eles. Estes fatores dão forte apoio à ideia de que Mateus e Lucas não utilizaram um ao outro, daí a necessidade de se propor uma fonte adicional. [...] Uma fonte como Q continua sendo a melhor explicação para as correspondências entre Mateus e Lucas em material não marcado.

A perícopes sob estudo neste trabalho refere-se às Bem-aventuranças e reflete o fenômeno descrito acima. Ela é chamada de “perícopes de dupla tradição”, pois constitui matéria comum a Mateus e Lucas, estando ausente em Marcos. Em tal situação, tendo em vista a teoria das duas fontes, trabalha-se com a hipótese de que o material comum aos dois

² CARSON, D. A.; MOO, D. J.; MORRIS, L. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997. p. 31.

³ *Ibid.*, p. 43

⁴ KONINGS, Johan. **Jesus nos evangelhos sinóticos**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1974. p. x.

⁵ *Idem*, p. 39,40

primeiros evangelhos – sem correspondente em Marcos – possa ser encontrado na fonte Q.⁶ Segundo Monasterio e Carmona⁷ “Mateus utilizou o material Q, sobretudo para construir os cinco grandes discursos que se encontram em sua obra”, dentre eles o Sermão da Montanha no qual se encontram as Bem-aventuranças. Lucas, por sua vez, deixou o material Q espalhado ao longo do evangelho, sobretudo em 6.20 – 8.3 (onde se inserem as Bem-aventuranças) e 9.51 – 18.14.⁸

Conforme afirmado anteriormente, as Bem-aventuranças estão inseridas no discurso proferido por Jesus conhecido como Sermão da Montanha em Mateus e Sermão da Planície para Lucas. A introdução ao discurso indica que Jesus era seguido pelas multidões, mas chama a si ou dele se aproximam os seus discípulos (Mt 5.1,2 e Lc 6.20).

O quadro a seguir permite a visualização simultânea das Bem-aventuranças nos evangelhos segundo Mateus e Lucas, sendo os textos deste último colocados ao lado de seu correspondente em Mateus. A versão bíblica utilizada corresponde à Almeida Corrigida e Fiel (ACF).

Mateus 5.3-12	Lucas 6.20-26
3. Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus;	20b. Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus;
4. Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados;	21b. Bem-aventurados vós, que agora chorais, porque haveis de rir.
5. Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra;	
6. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos;	21a. Bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis fartos.
7. Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia;	
8. Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus;	
9. Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de	

⁶ KONNINGS, J. *Sinopse dos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “fonte Q”*. São Paulo: Edições Loyola, 2005; MARCONCINI, Benito. *Os evangelhos sinóticos*. São Paulo: Paulinas, 2007 e NEVES, Joaquim Carreira das. *Evangelhos sinóticos*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2002

⁷ MONASTERIO, Rafael Aguirre; CARMONA, Antonio Rodriguez. *Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos*. São Paulo: AM Edições, 1994. p. 66

⁸ CARSON, D. A.; MOO, D. J.; MORRIS, L. *Introdução ao Novo Testamento*. p. 40

Deus;	
10. Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus;	
11. Bem-aventurado sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa.	22. Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem e quando vos separarem, e vos injuriarem, e rejeitarem o vosso nome como mau, por causa do Filho do homem.
12. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós.	23. Folgai nesse dia, exultai; porque eis que é grande o vosso galardão no céu, pois assim faziam os seus pais aos profetas.
	24. Mas ai de vós, ricos! Porque já tendes a vossa consolação.
	25. Ai de vós os que estais fartos, porque tereis fome. Ai de vós, os que agora rides, porque vos lamentareis e chorareis.
	26. Ai de vós quando todos os homens de vós disserem bem, porque assim faziam seus pais aos falsos profetas.

As Bem-aventuranças, inseridas tanto no relato de Mateus quanto de Lucas, não se encontram na mesma ordem nos dois evangelhos, o que constitui um paralelismo oblíquo. Constata-se que, nas perícopes de dupla tradição, a ordem de Mateus e Lucas é muito menos coincidente.⁹

Em se tratando das demais perícopes pertencentes ao Sermão da Montanha, é possível verificar muitos pontos semelhantes nos dois evangelistas, sugerindo duas redações de uma mesma tradição. Entretanto, no que se refere às Bem-aventuranças – que dão início ao sermão – as diferenças são notáveis.¹⁰

Em Mateus, Jesus fala dos bem-aventurados, ao passo que em Lucas, Jesus fala aos bem-aventurados. Mateus apresenta oito bem-aventuranças simples e uma elaborada, Lucas descreve três simples e uma elaborada. Das nove bem-aventuranças presentes em Mateus,

⁹ MONASTERIO, Rafael Aguirre; CARMONA, Antonio Rodriguez. **Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos**. São Paulo: AM Edições, 1994.

¹⁰ DUPONT, Jacques. **Le beatitudini**. Roma: Edizioni Paoline, 1973. p. 297

quatro encontram paralelo em Lucas. As que não encontram correspondente em Lucas são referentes aos mansos, misericordiosos, limpos de coração, pacificadores e perseguidos por causa da justiça. No entanto, às suas quatro bem-aventuranças Lucas contrapõe quatro palavras de advertência (ais) que não se acham em Mateus. Além disto, é possível perceber que as quatro bem-aventuranças que Mateus e Lucas têm em comum se apresentam de forma distinta, sobretudo porque Mateus as qualifica conforme será abordado mais adiante.

Segundo Konings,¹¹ diante de matéria particular encontrada em Mateus ou Lucas – ausente nos outros evangelistas – existem as seguintes possibilidades: tal conteúdo pode ter sido extraído de uma tradição peculiar de Mateus ou de Lucas; procede da redação própria do evangelista; um dos dois pode ter conservado algo da Q que o outro omitiu; ou o texto tradicional da fonte Q pode ter sido transformado de modo que pareça um texto particular.

Neves afirma:

Se perguntarmos qual dos dois é que está mais próximo das bem-aventuranças pronunciadas por Jesus, devemos responder que é Lucas. [...] Mateus desdobra e explicita as bem-aventuranças, seja em quantidade, seja em interpretação. Tudo dá a entender que Jesus era direto e certo quando se referia aos pobres e deserdados, tal como acontecia com os profetas. O simples fato de Mateus mudar a expressão “por causa do Filho do homem” em “por causa de mim” é um bom indício da originalidade de Lucas, uma vez que só Jesus usa, e com frequência, o título perifrástico de Filho do homem para designar sua pessoa.¹²

A seguir, serão analisados os ensinamentos contidos nas duas versões das Bem-aventuranças, destacando suas semelhanças e divergências bem como as possíveis razões que expliquem seu conteúdo conforme descrito pelos evangelistas. A ordem da análise começa com as matérias paralelas e, em seguida, trata do que é próprio de cada evangelista.

As duas versões das Bem-aventuranças

Antes de passar aos versículos comuns a Mateus e Lucas, cumpre destacar algumas características presentes nos evangelistas e suas respectivas obras, uma vez que elas influenciam a abordagem realizada.¹³ Marconcini destaca a intenção do narrador e o destinatário da obra em Mateus e Lucas da seguinte forma:

Mateus proclama Jesus Senhor e mestre e o considera principalmente em uma perspectiva comunitária. Mateus retira a ignorância e a cegueira dos discípulos, conserva algo do segredo messiânico (16.20; 17.9), delinea a relação entre Jesus e a sua Igreja (16.18); essa é convidada a “ensinar tudo o que Jesus havia ordenado” (28.20), nos seus doutrinamentos, especialmente, no sermão da montanha (Mt 5-7). Lucas apresenta Jesus rico em misericórdia e modelo para todo homem, mediante

¹¹ KONNINGS, J. *Sinopse dos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “fonte Q”*. São Paulo: Edições Loyola, 2005. p. xv.

¹² NEVES, Joaquim Carreira das. *Evangelhos sinópticos*. p. 120

¹³ MARCONCINI, Benito. *Os evangelhos sinóticos*. p. 74, 75.

fatos cujo significado revela uma história que tem o seu centro na vida do mestre e se expande na vida da Igreja, chamada a confrontar-se com os acontecimentos vividos por Jesus.

Segundo Konings,¹⁴ Mateus se dirige a uma comunidade judaica e é muito catequético. Tende a estilizar a linguagem e apresenta influências semitizantes, acrescentando explicações e ênfases próprias. Lucas, por sua vez, escreve para as igrejas do mundo grego, preza detalhes que sejam edificantes e, ao contrário de Mateus, evita repetições.

O quadro a seguir apresenta os versículos – comuns a Mateus e Lucas – sob análise nas próximas duas seções. As três primeiras bem-aventuranças correspondem ao que chamaremos de “breves” e os dois últimos versículos referem-se à bem-aventurança “longa”, uma vez que difere das anteriores não apenas em extensão, mas rompe com o esquema seguido até então.

Mateus 5	Lucas 6
3. Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus;	20b. Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus;
4. Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados;	21b. Bem-aventurados vós, que agora chorais, porque haveis de rir.
6. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos;	21a. Bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis fartos.
11. Bem-aventurado sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa.	22. Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem e quando vos separarem, e vos injuriarem, e rejeitarem o vosso nome como mau, por causa do Filho do homem.
12. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós.	23. Folgai nesse dia, exultai; porque eis que é grande o vosso galardão no céu, pois assim faziam os seus pais aos profetas.

As bem-aventuranças paralelas “breves”

Os pobres (Mt 5.3 e Lc 6.20) representam o ponto de partida de ambos evangelistas. Esta bem-aventurança parece ter sido influenciada por Isaías 61.1,2, e constitui sinal do tempo

¹⁴ KONNINGS, J. *Sinopse dos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “fonte Q”*. p. xii.

messiânico.¹⁵ Entretanto, enquanto Lucas fala dos pobres propriamente ditos, Mateus os qualifica e faz referência aos “pobres de espírito” (ou “pobres em espírito” em outras versões).

Parece que, diante dessa ampliação, Mateus deseja explicar – característica didática própria deste evangelista – que não se trata apenas da falta do elemento material, antes trata-se daqueles cuja pobreza atinge seu fundo mais íntimo e que, portanto, contam com Deus.

Segundo Marconcini¹⁶ esta bem-aventurança em Mateus é característica do perfeito discípulo, uma vez que este se considera pobre diante de Deus, pobreza que é expressa nas declarações seguintes: “aflição que recebe consolação, mansidão que abre o coração das pessoas, fome e sede da vontade de Deus que será saciada, bondade que terá recompensa, reta intenção no agir capaz de levar a ver a Deus”. Ser pobre até no íntimo é reconhecer que é preciso receber de Deus.

Os materialmente pobres são alvo da atenção de Lucas na escrita do evangelho, e a primeira bem-aventurança é dirigida a eles de maneira direta, evitando qualquer tipo de ambiguidade por parte daqueles leitores que não estivessem familiarizados com o uso judaico.¹⁷ Portanto, Lucas se refere aos pobres reais, destituídos de condições materiais e, desta forma, carentes da intervenção divina, aqueles que esperam receber de Deus.

Além disto, percebe-se que Mateus usa “reino dos céus” (repetido na primeira e oitava bem-aventurança) e Lucas “reino de Deus”. No entanto, são termos equivalentes. Mateus apenas evidencia o costume de evitar a pronúncia do nome divino.¹⁸

Os que choram (Mt 5.4 e Lc 6.21b) também são contemplados no texto de Isaías 61.1,2 e podem ser colocados junto aos pobres. Em Mateus, aqueles que choram (afligidos ou entristecidos em algumas versões) sofrem como aqueles que estão enlutados e precisam receber conforto, são carentes e desejosos da consolação divina. Os que choram já perceberam que não há no mundo algo que lhes preencha o coração de maneira eficiente, eles precisam e anseiam pela verdadeira consolação que só pode vir do alto, de Deus.

Lucas não usa o termo “consolo” para responder aos que choram, mas declara que haverão de rir. Neste evangelho, Jesus contrasta o choro de “agora” com o júbilo de depois, uma promessa de alegria futura, cujo sentido escatológico será destacado em outra seção. Carson et al.¹⁹ explicam que tal menção ao riso é característica em Lucas, segundo os autores “Lucas é um evangelho de cântico e júbilo. É a Lucas que devemos a preservação de alguns

¹⁵ KONINGS, Johan. **Jesus nos evangelhos sinóticos**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1974

¹⁶ MARCONCINI, Benito. **Os evangelhos sinóticos**. p. 133.

¹⁷ DUPONT, Jacques. **Le beatitudini**. p. 300.

¹⁸ Idem.

¹⁹ CARSON, D. A.; MOO, D. J.; MORRIS, L. **Introdução ao Novo Testamento**. p. 148.

dos grandes cânticos cristãos como os de Maria, Zacarias e Simeão. Lucas apresenta mais ocorrências de palavras que falam de regozijo do que qualquer outro livro no Novo Testamento”.

Os famintos (Mt 5.6 e Lc 6.21a) estão incluídos na bem-aventurança que, em Mateus, pode ter sido influenciada pelo Salmo 107.5,8,9. Assim como na primeira bem-aventurança, Mateus parece ampliar o que está registrado em Lucas, incluindo a “sede” e a categoria “de justiça”.

O salmo citado acima envolve “fome e sede”, uma associação comum na linguagem bíblica, sobretudo no tema profético que parece servir de referência à bem-aventurança em questão: Isaías 49.10 e Isaías 65.13.²⁰ Mateus mantém a leitura da tradição judaica.

No esforço didático de Mateus, o termo “justiça” é empregado com frequência e com um sentido que não encontra eco na concepção atual de justiça social, mas indica a nova realidade da fé cristã em continuidade com a justiça da fé judaica. A justiça que vem de Deus consiste na genuína preocupação com o bem de todos, uma vez que somente Deus pode ser justo de maneira plena e gratuita. O discípulo de Jesus anseia por este tipo de justiça e também pode ser instrumento dela ao abandonar o senso de justiça própria, autossuficiente.²¹ Cumpre destacar que, como se trata de uma justiça específica, definida, mais adequado seria dizer “fome e sede da justiça” e não “fome e sede de justiça”, conforme a versão ACF utilizada neste trabalho.

Portanto a fome em Mateus é metafórica, indica uma disposição interna e o termo “justiça” reforça o alcance moral da bem-aventurança.

Lucas, por sua vez, segue o mesmo sentido direto que usou para se referir aos pobres. O evangelista aborda a fome real, a carência de alimento para a vida física. Além disto, novamente contrasta o que este artigo tratará em outra seção: o agora e o depois. Os que carecem de sustento, que não têm condições de prover para si mesmos, aguardam o recebimento, alguma intervenção que lhes sacie a fome.

A bem-aventurança paralela “longa”

Os injuriados por causa de Cristo (Mt 5.11,12 e Lc 6.22,23) são abordados de forma direta por ambos evangelistas. No entanto, este tipo de direcionamento rompe com a estrutura seguida por Mateus até então. No esquema de Mateus, Jesus fala dos bem-aventurados, mas na última declaração se dirige diretamente aos discípulos que o ouviam.

²⁰ DUPONT, Jacques. *Le beatitudini*. p. 318.

²¹ KONINGS, Johan. *Jesus nos evangelhos sinóticos*. p. 46.

Mateus destaca três tipos de maus tratos dos quais os discípulos serão alvo por seguirem Jesus: injúria, perseguição e calúnia. O evangelista retoma a ideia da bem-aventurança precedente, dos que sofrem “perseguição por causa da justiça” (Mt 5.10). Porém, cumpre observar que, embora os “perseguidos por causa da justiça” guardem estreita ligação com o tema dessa bem-aventurança, eles não encontram paralelo em Lucas e serão tratados na matéria própria a Mateus.

Dupont²² percebe em Lucas uma progressão nos maus tratos sofridos pelos que seguirem o Filho do homem: ódio, separação, injúria e rejeição. Desta forma, o evangelista parece descrever com maior detalhe o que significa a perseguição que se levantará contra os discípulos.

E finalmente, tanto Mateus quanto Lucas mostram que este tipo de perseguição era esperado tendo em vista a experiência anterior dos profetas. Além disto, ambos fazem menção da recompensa que aguarda tais bem-aventurados sofredores no céu.

As bem-aventuranças próprias de Mateus

Os mansos (Mt 5.5) parecem evocar o Salmo 37.11 e trata de pessoas que acreditam no emprego de outro tipo de força que não a física, mas a proveniente do amor. Entre os judeus do tempo de Jesus havia aqueles que não esperavam um reino messiânico instaurado com base na força armada e violenta, pelo contrário, tratavam de esperar tal reino com paciência, servindo ao Senhor de maneira fiel, humilde e amorosa.²³

A mansidão não pode ser rapidamente associada à fraqueza, pois pode ser usada para se referir àqueles que mantêm sua força sob controle. Os mansos são aqueles que não contam com o mérito de sua própria força, mas sua confiança e amor a Deus os fazem herdeiros do que realmente tem valor, daquilo que não pode ser conquistado com luta, mas é dádiva de Deus, expressão de sua vontade.²⁴

Os misericordiosos (Mt 5.7) apontam para uma qualidade própria de Deus. Konings evidencia seu significado em hebraico: “as entranhas”, relacionando a qualidade da misericórdia como o amor materno de Deus para conosco.²⁵

Observa-se a ligação entre a abertura e o encerramento desta bem-aventurança em particular, os misericordiosos “alcançarão misericórdia”. Não há aqui, o mesmo paradoxo observado nas demais bem-aventuranças, mas aquele que mostra misericórdia de um lado, a

²² DUPONT, Jacques. *Le beatitudini*. p. 326.

²³ KONINGS, Johan. *Jesus nos evangelhos sinóticos*. p. 44.

²⁴ MEISTER, Sabine. *O sermão do monte e as bem-aventuranças*: como compreender hoje. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2006. p. 50.

²⁵ KONINGS, Johan. *Jesus nos evangelhos sinóticos*. p. 49.

encontrará de outro. Portanto, como qualidade de Deus, aquele que a demonstra reflete o que é próprio de seu Senhor. A misericórdia pode parecer contraditória à justiça, porém, no Reino de Deus, constitui um importante aspecto da justiça divina, não é um mero sentimento de piedade, nem uma atitude de “não julgamento”, mas uma prática ativa que espelha a atitude do próprio Deus.²⁶

Os limpos de coração (Mt 5.8) encontram eco no Salmo 73.1 e expressam aqueles que não enxergam a vida com ambiguidade, mantendo a mente (coração) livre de preocupações autocentradas que acabam por contaminá-lo e desviá-lo para seus próprios anseios e cobiça. Este coração límpido permite que se enxergue a Deus, estas pessoas “verão a Deus”, uma dádiva do Reino dos céus, elas estão livres para ver aquilo que elas já refletem nesta vida.

Os pacificadores (Mt 5.9), os artífices da paz reforçam que o Reino de Deus não se dá pela força bélica, a paz de Deus não é construída por mãos humanas. Meisters²⁷ explica:

Paz (*shalom*) é assunto da competência de Deus. Paz, salvação e justiça podem provir unicamente dele. A paz da qual fala a Bíblia sempre é vinda de Deus. A paz é assunto exclusivo e intrínseco a Deus. Por um lado, significa ser integralmente são (de corpo, alma e mente), por outro, é expressão da comunhão com Deus e com as pessoas.

Os que se colocam a serviço da paz são colaboradores de Deus e serão chamados seus filhos, uma vez que estão alinhados com o propósito divino. Assim como os mansos, entendem que esta paz procede do alto e não depende de esforços e projetos do homem.

Finalmente, **os que sofrem perseguição por causa da justiça** (Mt 5.10) não encontram paralelo em Lucas, mas segundo Dupont²⁸ são inseparáveis da bem-aventurança “longa” descrita anteriormente (Mt 5.11,12). Como a justiça de Deus se identifica com o “evento Jesus”,²⁹ esta bem-aventurança proclama a felicidade daqueles que forem perseguidos por causa de Cristo. O uso do “reino dos céus” nesta penúltima bem-aventurança assim como na primeira, parece próprio da composição semítica, onde o fim de uma narrativa reencontra o início. Além disto, facilita a transição para uma bem-aventurança direcionada aos discípulos ali presentes, rompendo com o esquema anterior.³⁰

Jesus não se refere a todo tipo de perseguição, mas a define, ele se dirige aos perseguidos por serem seguidores de Cristo, por serem colaboradores de Deus, por viverem

²⁶ MEISTER, Sabine. **O sermão do monte e as bem-aventuranças**: como compreender hoje. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2006. p. 69.

²⁷ Idem, p. 80.

²⁸ DUPONT, Jacques. **Le beatitudini**. p. 319.

²⁹ KONINGS, Johan. **Jesus nos evangelhos sinóticos**. p. 48.

³⁰ DUPONT, Jacques. **Le beatitudini**. p. 320.

para tornar visível o Reino, e isto traz incômodo que resulta em perseguição. Bonhoeffer³¹ acrescenta que “com essa bem-aventurança, Jesus contesta veementemente a errônea timidez daqueles cristãos que evitam todo sofrimento por uma causa justa, boa e verdadeira”.

As advertências de Lucas

Alguns autores não incluem as quatro advertências registradas em Lucas no texto das Bem-aventuranças, no entanto, acredita-se importante mencioná-las uma vez que se contrapõem às quatro declarações de bem-aventurança descritas pelo evangelista.

Conforme observado anteriormente, Lucas trata dos pobres e esfomeados reais, dos que choram pelos obstáculos da vida real. Segundo Neves,³² o contraste oferecido pelas advertências reforça a ideia de que Deus está com estes não apenas no porvir, mas já nesta vida. Aqueles aos quais Jesus dirige os “ais” já receberam, nesta vida, o que queriam, aquilo que humanamente julgavam ser motivo de felicidade, mas não estava alinhado à visão de Deus. A riqueza, a fartura, a preocupação em manter a boa imagem diante dos homens, podem alienar o homem, tornando-o escravo, impedindo-o de ouvir a mensagem do Reino de Deus.³³

Os ricos (Lc 6.24), ao considerar a riqueza como valor maior e mais precioso, já aqui desfrutam da “consolação” que ela pode trazer, mas que se limita a esta vida, tal consolação não vale para a eternidade com Deus. **Os que estão fartos** (Lc 6.25a) não poderão reter sua fartura para sempre, ela só vale para esta vida. De igual forma **os que agora riem** (Lc 6.25b), não terão iguais motivos para se alegrarem ao perceberem que seus motivos humanos para a felicidade excluem o Reino e, portanto, não perdurarão. E, finalmente, **os que contam com boa reputação entre os homens** (Lc 6.26), que deles recebem glória, sem considerar a glória de Deus, que buscam estar bem com todos, são comparados aos falsos profetas que profetizavam aquilo que o povo queria ouvir e não o que precisava ouvir.

As advertências lucanas constituem aspecto importante de seus registros para os que vivem em uma sociedade materialmente farta. Ele destaca, em outras passagens, advertências contra as riquezas. Carson et al.³⁴ declara que “Lucas está longe de aceitar uma estrutura social em que as riquezas são valorizadas e a pobreza é desprezada”, pelo contrário, ele mostra que “Deus tem uma maneira toda especial de transtornar nossas distinções sociológicas e de encontrar seus santos em lugares impensados”.

³¹ BONHOEFFER, Dietrich. **Ética**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2002. p. 38.

³² NEVES, Joaquim Carreira das. **Evangelhos sinópticos**. p. 121.

³³ MONASTERIO, Rafael Aguirre; CARMONA, Antonio Rodriguez. **Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos**. p. 331.

³⁴ CARSON, D. A.; MOO, D. J.; MORRIS, L. **Introdução ao Novo Testamento**. p. 147.

Bem-aventuranças: conceito, paradoxo e escatologia

Passemos à explicação da origem do termo, suas traduções mais comuns, e as características que envolvem o conceito bíblico neotestamentário de bem-aventurança, sobretudo na questão do paradoxo e da escatologia.

O termo grego *makários* consiste em uma palavra poética derivada de *mákar* usada, geralmente, para se referir aos deuses (*hoi mákares*). Tal palavra expressa a felicidade transcendente, uma vida livre dos cuidados, labores e finitude próprios deste mundo. *Mákar* é empregado para se referir ao homem envolvido por tal estado de bênção, como os deuses. Os sinônimos comuns a este termo são *ólbios* em referência à felicidade humana estritamente conectada às posses; e *eudaímon* que denota a pessoa virtuosa, que busca diligentemente a felicidade.³⁵

A partir do termo grego *makários* deriva-se *makarismos*, forma também empregada em referência às bem-aventuranças. Segundo Carter³⁶ *makários* é usado, com frequência, para designar bênçãos dirigidas aos humanos em contraste com o vocabulário utilizado para bendizer a Deus. Além disto, o autor acredita que o termo, embora se valha de equivalentes como “bem-aventurado”, “bendito”, “feliz” sua compreensão seria beneficiada por uma frase que expressasse a perspectiva teológica central envolvida no termo: “Deus se agrada quando...” ou “O favor ou aprovação de Deus repousa sobre aquele que...”.

O equivalente hebraico do termo no Antigo Testamento é *asher* (“bendito”, “abençoado”) e dentre as mais de quarenta bem-aventuranças existentes no Antigo Testamento, o ponto central envolvido na constatação de “ser abençoado” reside em atitudes que expressem o reconhecimento de Deus como Deus e se manifestem na prática da vida diária.³⁷

Embora as “bem-aventuranças” permeiem tanto o Antigo quanto o Novo Testamento, alguns estudiosos procuram investigar semelhanças e diferenças no uso do termo em ambos os textos.

Na Alemanha da segunda década do século XX surgiu entre a comunidade judaica um movimento desejoso de uma tradução da Bíblia que não seguisse a mesma direção da efetuada por Lutero, cujo cunho marcadamente cristão se destacava. O filósofo e teólogo judeu Martin

³⁵ HAUCK, F. Makários, makarízo, makarismós. In: KITTEL, Gerhard. **Theological dictionary of the New Testament**. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1975. p. 363.

³⁶ CARTER, Warren. Beatitudes. In: SAKENFELD, Katharine. **The new interpreter's dictionary of the Bible**. 2006. p. 413.

³⁷ Idem.

Buber (1878-1965) iniciou tal empreitada destinada a produzir uma tradução que restituísse as características hebraicas ao texto bíblico em alemão.³⁸

Lapide³⁹ observa que Martin Buber, em sua versão, buscava descobrir se havia correspondência entre o termo “bem-aventurado” usado no Sermão da Montanha e aquele usado pelo Salmista logo no início do saltério (Sl 1.1) bem como em diversos outros capítulos. De fato, é possível verificar como algumas bem-aventuranças evocam as promessas presentes nos Salmos: Os que choram e receberão consolo (Mt 5.4) encontram eco na proximidade do Senhor dos que têm coração quebrantado e são contritos de espírito (Sl 34.18) ou na colheita alegre que desfrutarão os que semearam entre lágrimas (Sl 126.5); os puros de coração que verão a Deus (Mt 5.8) podem se ligar aos que têm mãos inocentes e coração puro e, por isso, podem subir ao monte do Senhor (Sl 24.3, 4); e os mansos herdeiros da terra (Mt 5.5) também se encontram no Salmo 37.11.

Lapide⁴⁰ sugere que o grego *makários* (ou mesmo o latim *beatus*) não represente a tradução mais precisa do hebraico *ashré*. De igual forma, afirma que traduções como “parabéns” e “felicidades” assim como o inglês “*blessed*” também não são as mais adequadas. O mais próximo do sentido original, afirma o autor, seria o “*happy*” empregado na *New American Bible*.

Lapide⁴¹ cita o prefácio do Saltério onde Martin Buber explica:

O salmista exclama: Ah, que felicidade a do homem... (*oh, das glück des mannes...*). Não é isto nem desejo, nem promessa; não se trata de saber se o homem mereceu a felicidade ou se possa nutrir a certeza de ser feliz, quer nesta vida terrestre quer numa outra futura, mas é uma exclamação jubilosa e uma constatação animada: como é feliz este homem! Na exclamação que transcende essencialmente o tempo, é como que absorvida a bipartição entre o agora e o depois: Atendei! Aqui existe uma fortuna secreta, escondida pelas mãos da própria existência, que compensa e supera qualquer infortúnio.

Na língua portuguesa, os *makarismos* geralmente são traduzidos como “bem-aventuranças”, tendo como sinônimo a “felicidade”. De igual modo, os dois termos mais utilizados para tradução de *hoi makarioi* são “bem-aventurados” e “felizes”.

Segundo Hauck⁴² as bem-aventuranças do Antigo Testamento são comuns na literatura sapiencial e constituem a sabedoria prática. Ele destaca que sabedoria e piedade procedem de Deus. Portanto, mesmo nos versículos em que a observância das exigências legais pareça

³⁸ CARVALHO NETO, Geraldo Luiz de. Haroldo de Campos e Martin Buber como tradutores bíblicos: semelhanças e diferenças analisadas à luz da teoria da relevância. **Cadernos de tradução**, Santa Catarina, v.2, n.16. 2005, p. 106.

³⁹ LAPIDE, Pinchas. **O sermão da montanha: utopia ou programa?** Petrópolis: Vozes, 1986. p. 31.

⁴⁰ Idem, p. 32.

⁴¹ Idem, 33.

⁴² HAUCK, F. Makários, makarízo, makarismós. In: KITTEL, Gerhard. **Theological dictionary of the New Testament**. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1975. p. 365.

constituir a base das bem-aventuranças não se pode introduzir a ideia de recompensa. Destaca-se o reconhecimento do estar em Deus, a recompensa está no caminhar certo, não é um prêmio a ser recebido depois.

As bem-aventuranças presentes no Novo Testamento, por sua vez, se encontram no contexto da proclamação escatológica. Por isto, a maior parte das ocorrências está nos sinóticos (das 50 ocorrências 13 e 15 se acham em Mateus e Lucas respectivamente) e em Apocalipse.

Por causa de sua motivação escatológica, a bem-aventurança no Novo Testamento surge como uma interpelação ou uma instrução de caráter profético-apocalíptico. E em contextos assim, segundo Strecker,⁴³ o termo arcaico “bem-aventurado” representa uma tradução mais apropriada do que “feliz”. O “bem-aventurado” sugere que a “ventura” é boa, mesmo que custe. O “feliz” parece romantizar a caminhada sem levar em conta as dificuldades que nela existem.

Tendo buscado a origem, uso no texto bíblico e as traduções mais comuns da terminologia grega relacionada aos *makarismos*, a atenção é agora dirigida ao conceito e características envolvidas nas Bem-aventuranças pronunciadas no Sermão da Montanha.

As Bem-aventuranças presentes nos sinóticos podem ser encaradas como declarações acerca dos cidadãos do Reino de Deus – os bem-aventurados (*hoi makáριοi*) – que constatarem a realidade da intervenção do favor divino que já pode ser desfrutado em alguma medida nesta vida, mas que o será plenamente no futuro de Deus. Tais declarações, pronunciamentos, não procedem de situações terrenas favoráveis, nem da disposição interna ou mérito das pessoas, mas do próprio Deus, elas vêm do alto, suprir aqueles que carecem receber o que lhes é dado, acatar a bem-aventurança que a seu respeito é declarada como fato, ainda que as circunstâncias ou seu próprio íntimo afirmem o contrário. Esta é uma primeira aproximação do conceito, a discussão a seguir permitirá a visualização sob outros ângulos.

As Bem-aventuranças contêm paradoxos que carregam consigo uma inversão de todos os valores costumeiros. As declarações feitas a respeito daqueles que podem se considerar cidadãos do Reino de Deus encerram um poder que reside em sua inversão dos valores humanos.⁴⁴

Humanamente, não se espera que os pobres, enlutados, famintos e perseguidos, enfim, que estes desafortunados sejam declarados bem-aventurados. Esta lógica do Reino de Deus inverte a lógica humana que considera haver felicidade exatamente no oposto. Os mansos,

⁴³ STRECKER, G. Makários. In: BALZ, Horst; SCNEIDER, Gerhard. **Diccionario exegetico del Nuevo Testamento**. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1998. p. 128.

⁴⁴ HAUCK, F. Makários, makarízo, makarismós. In: KITTEL, Gerhard. **Theological dictionary of the New Testament**. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1975. p. 368.

puros de coração, pacificadores são tidos como criaturas ingênuas cujo trabalho árduo nem sempre é proporcional aos poucos resultados. No entanto, no Reino de Deus, serão os herdeiros da terra, verão a Deus e serão chamados seus filhos. O paradoxo presente nas Bem-aventuranças faz delas não apenas declarações de boa ventura, mas também de força e fé, na medida em que os bem-aventurados se encontram – ou se encontrarão – em situações de fragilidade, mas se fortalecem na garantia de superação. As Bem-aventuranças resultam em encorajamento para os discípulos de Jesus, bem como em testemunho e convite para a multidão.

O paradoxo das Bem-aventuranças as reveste de força, no entanto, ainda há outro aspecto a ser considerado: a qualidade escatológica destas declarações. É possível constatar, sobretudo em Lucas, que elas consistem mais em uma consolação escatológica. Àqueles que se encontram sob determinadas circunstâncias (pobres, famintos, os que choram, os odiados) são prometidas as bênçãos do Reino de Deus.⁴⁵ Em Mateus, sublinha-se mais a conexão entre a maneira de viver e o que os aguarda no porvir. No entanto, não há como fazer uma distinção material entre a forma adotada por Lucas e a de Mateus. Importa saber que as Bem-aventuranças não podem ser vistas apenas como intimações ou consolações relacionadas ao futuro, elas veem o presente à luz do futuro. Becker⁴⁶ reforça tal raciocínio afirmando que a natureza futurista das Bem-aventuranças não pode ser vista apenas no sentido do consolo e da recompensa que se segue, mas “o futuro prometido sempre exige uma alteração radical do presente”. O aspecto escatológico é uma presença antecipada e não uma recompensa futura, é a plenitude escondida daquilo que os fiéis já estão vivendo.

Becker⁴⁷ afirma que:

Previamente, as bem-aventuranças eram vistas como veículo para transmitir as virtudes que Deus ordena aos homens, agora, porém, fica claro que frases tais como “humildes de espírito”, “os que choram”, “os mansos”, “os que têm fome e sede de justiça” são meramente aspectos diferentes da atitude para com um mundo que chega perto do fim, uma atitude de esperança e paciência duradouras. (...) Os pronunciamentos escatológicos se distinguem dos apocalípticos pelas suas declarações paradoxais e pelo fato de ser este Reino de um Deus vinculado com a vida e mensagem de Jesus. A salvação que aqui se anuncia depende do reino vindouro de Deus o qual, por sua vez, é inseparável daquele que o traz.

Portanto, nas declarações de bem-aventurança, presente e futuro se relacionam, e isto fica ainda mais claro na versão de Lucas ao usar a palavra “agora” (*нын*) para sublinhar tal relacionamento.

Tendo abordado as principais características pertinentes às Bem-aventuranças, vamos destacar, a seguir, algumas observações acerca do hedonismo contemporâneo.

⁴⁵ Idem, p. 398.

⁴⁶ BECKER, U. Bem-aventuranças. In: BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1981. p. 299.

⁴⁷ Idem.

“Ser feliz: o credo contemporâneo”

Com a frase que dá título a esta seção, Almeida⁴⁸ inicia sua reflexão acerca do hedonismo contemporâneo. Ele diz: “há um novo credo vindo do Oeste e da ciência pregando a todo tempo: o dever de ser feliz”. Pronunciamentos do tipo: “você merece ser feliz!”, “você tem o direito de ser feliz!”, “sem medo de ser feliz”, “lugar de gente feliz!”, “faça aquilo que lhe deixa feliz!” parecem ser a palavra de ordem do sujeito social contemporâneo.

A lógica do consumo e do entretenimento encontra, neste cenário, terreno fértil. Associa-se, conforme os estudos de Baudrillard,⁴⁹ as posses ao bem-estar, o que resulta na mensuração da felicidade pelos benefícios provenientes dos bens e serviços consumidos. As propagandas comerciais, valendo-se deste discernimento, não vendem produtos, mas sim estilos de vida, sensações positivas, promessas de uma vida melhor e mais feliz. Entretanto, embora as “promessas” sejam para todos, não se pode dizer o mesmo do acesso, nisto reside a perversidade da lógica do consumo, todos “têm direito”, mas nem todos podem possuir.

A palavra “feliz” no contexto atual traz consigo uma carga de expectativas que não pode ser ignorada. Tendo a felicidade como “direito” ou elevada à categoria de “necessidade básica”, torna-se louvável qualquer empreendimento para conquistá-la. Certamente, a busca pela felicidade não é novidade na história humana, a questão atual reside na ênfase exacerbada no sentimento ou estado emocional, gerando o que Almeida chama de “cultura de sensações”.⁵⁰ Além disto, o subjetivismo característico do sujeito moderno e pós-moderno faz com que o conceito de felicidade flutue ao sabor dos apetites individuais, reduzindo a busca pela felicidade à mera busca pelo prazer, por situações que gerem um estado emocional positivo com pouca ou nenhuma conexão com escolhas éticas. Desta forma, contanto que o indivíduo se sinta feliz, a reflexão acerca dos meios empreendidos parece não ter tanta importância.⁵¹

No entanto, Myers observa que a concepção de felicidade como um projeto do tipo “faça você mesmo” não tem produzido pessoas mais felizes, pelo contrário, o imperativo da felicidade e sua busca desenfreada têm mascarado uma legião de pessoas exaustas e infelizes. Faz sentido quando se pensa no outro lado do credo da felicidade, ele se impõe de tal forma que o sofrimento e toda ideia a ele relacionada deve ser evitada, interdita, apaziguada e,

⁴⁸ ALMEIDA, Edson Fernando de. **Do viver apático ao viver simpático**. São Paulo: Edições Loyola, 2006. p. 128.

⁴⁹ BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.

⁵⁰ ALMEIDA, Edson Fernando de. **Do viver apático ao viver simpático**. p. 109.

⁵¹ MYERS, Ken. The pursuit of happiness. Disponível em: www.lingonier.org/learn/articles/pursuit-happiness.

sempre que possível, medicada. Almeida⁵² explica que “neste contexto, toda tristeza é vergonhosa, injustificada e, sobretudo, patológica”.

Buscar a felicidade e evitar o sofrimento acaba por fazer com que o contato com a realidade fique cada vez mais insuportável, pois não se pode subtrair o sofrimento da equação da vida sem evitar, com tal atitude, a própria vida. O resultado é a apatia que mina a capacidade de enfrentamento das experiências dolorosas. A superação do sofrimento, portanto, parece dar início a um novo ciclo de busca de experiências que devolvam as sensações individuais de felicidade. Cumpre destacar neste ponto que tal individualismo somado ao ideal hedonista esgarça a visão do coletivo e, assim, a apatia também se estende ao âmbito das relações sociais, gerando conformismo diante da injustiça e impedindo a participação solidária e engajada.⁵³

Conclusão

Afinal, quais as implicações do ideal hedonista contemporâneo no entendimento das Bem-aventuranças e até mesmo sobre a escolha tradutória do termo “feliz” para descrever os bem-aventurados? Um resumo das principais observações acerca das Bem-aventuranças servirá de auxílio na busca por uma resposta.

Em primeiro lugar, as Bem-aventuranças não podem ser separadas daquele que as comunica, são, portanto, declarações que procedem do alto, não pertencem à categoria das coisas terrenas. Tais pronunciamentos envolvem uma constatação acerca do cidadão do Reino de Deus: ele é bem-aventurado. Diante de Deus, tudo que este cidadão do Reino pode fazer é receber.

Além disto, as Bem-aventuranças envolvem um paradoxo: são bem-aventurados aqueles que, na lógica humana, não têm razão para tanto: os pobres, famintos, enlutados, perseguidos, odiados. As declarações de bem-aventurança também carregam uma dimensão escatológica expressa pela tensão entre o “já” e o “ainda não”. Em sua adesão a Cristo, o bem-aventurado recebe, mas também aguarda e nisto os macarismos também podem ser entendidos também como promessa. O discípulo já desfruta das bênçãos divinas, mas também aguarda pela plenitude. Mais do que promessas as Bem-aventuranças soam aos ouvidos do cidadão do Reino como uma garantia que se baseia na fidelidade daquele que as pronuncia.

Finalmente, declaradas aos discípulos, as Bem-aventuranças ensinam o que se espera do cidadão do Reino: que tenha fome e sede de justiça, que seja pobre em espírito, manso,

⁵² ALMEIDA, Edson Fernando de. **Do viver apático ao viver simpático**. p. 129.

⁵³ SÖLLE, Dorothee. **Sofrimento**. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 46.

misericordioso, puro de coração, promotor de paz (versão mateana), que não esteja sob o senhorio das posses e nem da aprovação alheia (advertências da versão lucana). Tendo a multidão envolvida no cenário da declaração aos discípulos, as Bem-aventuranças também representam um convite ao seguimento do Jesus, à colaboração como artífice do Reino, tornando-o visível.

O termo “feliz” não representa uma escolha tradutória totalmente inadequada para “bem-aventurado”. Porém, importa saber que o que este termo significa para o homem e a mulher de hoje. Tal termo evoca um estado emocional correspondente, uma sensação de bem-estar, é preciso sentir-se feliz para saber-se feliz. Algumas situações descritas nas Bem-aventuranças não suscitam o sentimento de felicidade. No entanto, o bem-aventurado é feliz não porque se sinta assim, mas porque Deus o declara como tal. *Hoi makáριοι* tem a ver com uma declaração de fora e não com uma constatação que vem de dentro. Portanto, ao ler “felizes os que choram, porque serão consolados” não se pode pensar ou esperar que os que choram se sintam felizes. A questão não está no sentimento, e isto precisa ser entendido para não abrir espaço à frustração. Na lógica do Reino não é preciso sentir para crer, mas crer na declaração de bem-aventurança proclamada por Deus e, a partir daí, experimentar a felicidade. O cidadão do Reino é guiado pelo que crê e não pelo que sente.

O uso do termo “feliz” pode implicar na expectativa irreal de que, juntamente com a declaração de bem-aventurança, venha o sentimento correspondente. As Bem-aventuranças são constatações que não dependem do estado emocional.

O bem-aventurado é feliz, mas não nos termos do que atualmente se entende como feliz. E não poderia ser de outra forma, pois a busca pela felicidade por parte do cidadão do Reino segue a lógica do Reino de Deus e não outra. A lógica paradoxal do Reino de Deus inverte os valores humanos acerca da felicidade. Quando parece se estar diante de um infeliz na lógica humana, Deus o declara feliz. Onde os olhos humanos veem fracasso, os olhos da fé contemplam sucesso.

O bem-aventurado se empenha em tornar visível o Reino de Deus mesmo diante das dificuldades, as experiências dolorosas – pobreza, choro, fome, perseguição – não minam seu engajamento. O feliz contemporâneo pode não abrir espaço para tal engajamento, uma vez que ele deseja negar, anestésiar e se, possível, evitar o sofrimento. Sölle⁵⁴ afirma:

Somente os sofrendores atuarão, por iniciativa própria, na eliminação de situações em que seres humanos ficam expostos a sofrimentos evitáveis e destituídos de sentido, como os relacionados com a fome, a opressão, a tortura.

⁵⁴ Ibid, p. 10.

A concepção contemporânea de felicidade pode minar tanto o enfrentamento das dificuldades quanto o engajamento em prol do outro.

Finalmente, a reflexão escatológica não encontra acolhida na mentalidade forjada pelo credo hedonista. O sentido escatológico presente nas Bem-aventuranças aponta para o futuro, quando serão plenamente realizadas, e isto confere dinamismo e esperança ao tempo presente. Ainda que o bem-aventurado experimente os efeitos da obra da graça de Deus aqui nesta vida, existe a alegria plena e definitiva que o aguarda no céu. E é este olhar na eternidade que faz com que o seguidor de Cristo entenda o quão bem-aventurado é, sua alegria não é feita apenas de pequenos momentos de felicidade interna, mas de algo eficiente e definitivo que o aguarda. E isto contrasta com o anseio moderno de felicidade “aqui e agora” que parece não permitir o adiamento da satisfação.

Portanto, o emprego de “bem-aventurado” parece conferir dinamismo às declarações de Jesus, indicando uma caminhada que, não obstante as dificuldades, avança rumo à plenitude. Por outro lado, o termo “feliz” é estático e pode não estar alinhado com a perspectiva teológica envolvida nas bem-aventuranças que são centradas em Deus e não no homem, e permitem a redescoberta de uma visão mais rica da felicidade humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Edson Fernando de. **Do viver apático ao viver simpático**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.
- BECKER, U. Bem-aventuranças. In: BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1981. p. 297-300.
- BONHOEFFER, Dietrich. **Ética**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2002.
- CARSON, D. A.; MOO, D. J.; MORRIS, L. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- CARTER, Warren. Beatitudes. In: SAKENFELD, Katharine. **The new interpreter's dictionary of the Bible**. 2006. p. 413-415.
- CARVALHO NETO, Geraldo Luiz de. Haroldo de Campos e Martin Buber como tradutores bíblicos: semelhanças e diferenças analisadas à luz da teoria da relevância. **Cadernos de tradução**, Santa Catarina, v.2, n.16, p. 105-128, 2005.
- DUPONT, Jacques. **Le beatitudini**. Roma: Edizioni Paoline, 1973.
- HAUCK, F. Makários, makarízo, makarismós. In: KITTEL, Gerhard. **Theological dictionary of the New Testament**. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1975. p. 363-370.
- KONINGS, Johan. **Jesus nos evangelhos sinóticos**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1974.
- _____. **Sinopse dos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da "fonte Q"**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- LAPIDE, Pinchas. **O sermão da montanha: utopia ou programa?** Petrópolis: Vozes, 1986.
- MARCONCINI, Benito. **Os evangelhos sinóticos**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- MEISTER, Sabine. **O sermão do monte e as bem-aventuranças: como compreender hoje**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2006.
- MONASTERIO, Rafael Aguirre; CARMONA, Antonio Rodriguez. **Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos**. São Paulo: AM Edições, 1994.
- MYERS, Ken. The pursuit of happiness. Disponível em: www.lingonier.org/learn/articles/pursuit-happiness. Acesso em 12 jun. 2012.
- NEVES, Joaquim Carreira das. **Evangelhos sinóticos**. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2002.
- SÖLLE, Dorothee. **Sofrimento**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- STRECKER, G. Makários. In: BALZ, Horst; SCNEIDER, Gerhard. **Diccionario exegetico del Nuevo Testamento**. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1998. p. 126-135.